

Doutor Eugénio Côrte-Real

Francisco do Carmo Pacheco

No ano de 1936, concluía com distinção a sua licenciatura na Faculdade de Medicina do Porto o Doutor Eugénio Saraiva Côrte-Real, iniciando uma carreira brilhante e fecunda, a despeito de silenciosa e discreta, longe das cintilações da promoção mediática — hoje tão generosa e generalizada —, ao tempo discreta ou inexistente.

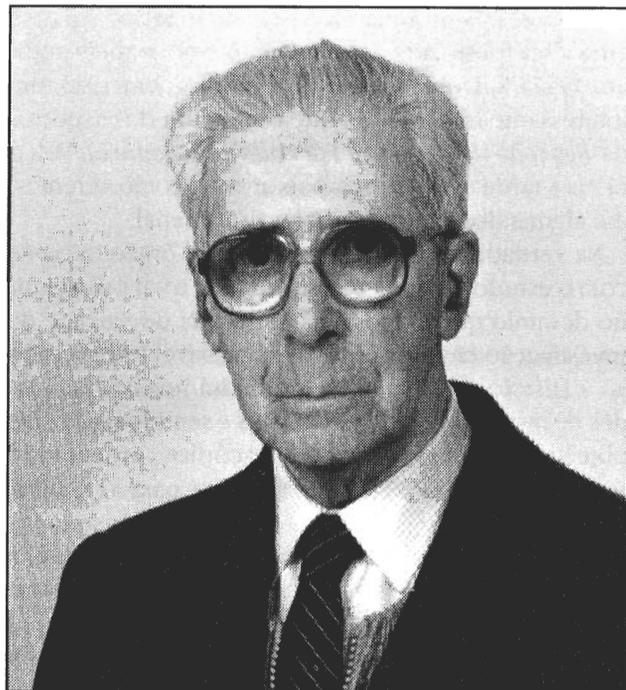
Depois de uma curta fase como médico rural, o Dr. Côrte-Real inicia a sua actividade de homem de laboratório em 1938, altura em que começa a trabalhar no Laboratório Médico do Prof. Dr. Alberto de Aguiar, titular, director e proprietário do laboratório sito na Rua da Restauração, onde, em torno do prestígio do mestre da Faculdade de Medicina e de Farmácia, se juntava um grupo de colaboradores de enorme valia (Rocha Pereira e Carlos Ramalhão, entre outros), servidos por um equipamento técnico-científico modelar para a época, mesmo a nível internacional. Mais do que um simples laboratório de análises clínicas, o “Laboratório Médico” era um centro de investigação activa, um pequeno Instituto, dispondo de actualizada e vasta biblioteca, biotério privativo e, inclusivamente, uma publicação científica própria, a *Revista de Semiótica Laboratorial*.

Com o rodar dos anos, o velho “leão” do “Laboratório Médico” e pioneiro, entre nós, da moderna Medicina laboratorial ia envelhecendo, ao mesmo tempo que se agravava um mal que há anos o afligia. O Doutor Côrte-Real, entretanto, havia-se tornado seu genro e, juntamente com sua mulher, Dr^a. Alda Aguiar Côrte-Real — também licenciada em Medicina — e um irmão desta, Dr. Álvaro Aguiar, assume progressivamente funções mais relevantes dentro do laboratório, acabando por se responsabilizar, mais tarde, pela sua Direcção, pois seu cunhado falecera, vítima de doença profissional, contraída no exercício das suas funções.

O ano de 1938 é também aquele em que o Doutor Côrte-Real inicia a sua actividade docente, sendo contratado como Assistente do 1^o Grupo da Faculdade de Medicina do Porto, em cujo quadro ingressa no ano imediato, após concurso de provas públicas em que foi o primeiro classificado.

Significativamente, o Docente e o Homem de laboratório nunca se afastam; completam-se numa simbiose enriquecedora exemplar.

O seu primeiro trabalho — *Contribuição para o Estudo do Monócito* (1936) — reflectia já o seu interesse



por um tipo de célula sanguínea pelo qual viria a interessar-se vivamente numa fase mais tardia da sua carreira, dedicada particularmente ao estudo da Imunologia.

Em *Velocidade de Sedimentação nos Operados — um Método* (1940) faz uma análise crítica do método de EDHEM, que utiliza no seu estudo, a par de outros, concluindo pelo seu reduzido interesse a despeito de reclamado como excelente pela bibliografia da época.

Publica, depois, uma série de trabalhos, de enorme interesse e actualidade para a época, sobre variações da homeostasia mineral: *O Sódio no Sangue* (1940), *O Potássio Plasmático nos Renais* (1940), *Contribuição ao Estudo dos Catiões no Sangue dos Doentes de Addison*, (1940).

Em 1942, candidata-se ao grau de Doutor pela Faculdade de Medicina do Porto, apresentando a tese *Catiões do Sangue*, trabalho de investigação laboratorial, árduo e ambicioso. Para a sua realização utiliza o autor as técnicas laboratoriais mais rigorosas e precisas, que selecciona criteriosamente, para o doseamento do cálcio, magnésio, potássio e cloro, analisando as inter-relações das suas variações quantitativas, através do estudo de diversos quocientes e parâmetros, e da sua interpretação estatística. As conclusões a que chega permitem-lhe confirmar que “a zona cortical da supra-renal tem uma decisiva interferência na manutenção de alguns elementos de vital importância para a conservação da harmonia orgânica — electrólitos, hidratação hemática, hidrocarbonados, etc.”

Fazendo eco das já conhecidas teorias de Hans Se-

lhe sobre a “Síndrome Geral de Adaptação” (que só viria a ser formulada definitivamente por aquele autor em 1947), o Doutor Côrte-Real publica, em 1945, um interessante trabalho em que estuda um dos aspectos da *Reacção de Alarme e Fórmula Leucocitária*. Voltará mais tarde a este tema apaixonante, como veremos, em alguns dos estudos sobre a supra-renal.

Na verdade, o seu interesse por este órgão inicia-se com o estudo da homeostasia mineral e vai prosseguir no domínio que é agora a área da sua docência e da investigação científica que lhe é possível levar a cabo — a Histologia —, que lhe permitirá revelar qualidades de morfologista de raros dotes e sentido rigoroso e objectivo da observação microscópica, procurando sempre a contribuição do morfologista para a clarificação da histofisiologia. Publica o resultado das suas primeiras observações nesta área em 1945, *Contribuição para o Estudo da Histofisiologia da Supra-renal*, trabalho saudado por outro grande investigador da supra-renal, o Prof. Xavier Morato, de Lisboa, em que estuda as granulações citoplásmicas da célula da zona cortical, utilizando um largo painel de técnicas que lhe permitem clarificar alguns aspectos estruturais do órgão e interessam à histofisiologia.

Entretanto publicara, em 1945, de colaboração com o Prof. Doutor António Coimbra, *Sobre a Intervenção da Glândula Supra-renal*, encerrando este ciclo de trabalhos com a publicação de um estudo intitulado *Modificações Gravídicas do Córtex Supra-renal* (1947).

Por razões contrárias à sua vontade e fazendo tábua rasa do testemunho dado por longos anos de actividade docente modelar e por um curriculum de excepcional qualidade para o nosso meio científico de então, a Faculdade de Medicina, bloqueada pelo afrontamento de grupos influentes, fica imóvel e inoperante no momento em que deveria acarinhar e estimular uma carreira promissora. O Doutor Eugénio Côrte-Real, homem vertical e brioso, avesso à duplicidade e incapaz de sujeições equívocas só encontra um caminho, o da secretária, onde entrega a sua demissão e sela com a dignidade do silêncio o termo da sua carreira universitária. Pouco tempo volvido, a possibilidade de ser cateдрático é-lhe oferecida, mas o Doutor Côrte-Real rejeita-a por razões de seriedade, dignidade e coerência, renunciando ao tão ambicionado cadeirão e acabando por aceitar uma desconfortável cadeira de pinho no austero gabinete do Director do Laboratório de Análises e Banco de Sangue do Hospital Geral de Santo António da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

Já depois de abandonar a Faculdade, publica, em 1956, *Método tano-férrico no Estudo do Epitélio Intestinal e Sobre a Topografia das Mitoses no Embrião*. Este último trabalho, denso, didáctico e muito belo, revela a

paixão do histologista pela Embriologia e lança nova luz sobre o mecanismo de acção dos indutores de morfogénese embrionária. Parece, teimosamente, apontar o caminho de uma nova fase de investigação, promissora e fecunda.

Na área da Medicina Laboratorial, publica, na década de 1948 a 1960, uma valiosa série de trabalhos todos eles chamando a atenção para a estreita inter-relação entre a Clínica e o Laboratório.

Do ano de 1961 data a publicação de uma obra de enorme interesse e que passará a ser de referência obrigatória para hematologistas e pediatras: *O Hemograma Normal nas Crianças* (em colaboração com Alda Aguiar Côrte-Real e Alberto Sá Oliveira). Trata-se de um trabalho exaustivo, visando estabelecer valores estatísticos de referência sobre todos os parâmetros do hemograma na criança, desde o nascimento até aos dez anos, respeitantes, obviamente, à população portuguesa, o que lhe acrescenta interesse e ineditismo e mais justifica a sua elaboração.

Entretanto, o Doutor Côrte-Real empenha-se vivamente na problemática das imunizações feto-maternas e inicia, no Serviço de Sangue, em colaboração com o Serviço de Análises Clínicas, o estudo de rotina deste quadro, visando o diagnóstico e tratamento da doença hemolítica do recém-nascido, entidade, ao tempo, bastante mais frequente que hoje, pois não existia ainda a possibilidade de se fazer a profilaxia da imunização Rh — a mais grave — pela utilização da globulina gama anti-D. O tratamento dos recém-nascidos afectados por transfusão-permuta (nova designação, correcta e elegante, que o Doutor Côrte-Real punha para substituição de “exanguino-transfusão” consagrada, mas absurda pelo equívoco significado que implica) passa a ser uma actividade normal e frequente do Serviço de Sangue, tanto na imunização feto-materna Rh como ABO.

Aproveitando a casuística acumulada, o Doutor Côrte-Real publica, em 1966, *A Propósito da Doença Hemolítica do Recém-Nascido*, onde dá conta da experiência do Serviço e de algumas modificações que tinham permitido, sobretudo, melhorar a técnica de transfusão-permuta. Este mesmo tema será objecto de um livro, publicado em 1971, *Doença Hemolítica do Recém-Nascido — Rh e ABO*, revisão e análise crítica, com inegável interesse de divulgação pedagógica, sobre uma experiência casuística já considerável. É justo sublinhar que, por esse tempo, a publicação de tal obra constituía iniciativa ousada e original, pois, praticamente no nosso país, só a Fundação Gulbenkian começara há pouco a lançar no mercado os primeiros livros científicos de autores portugueses.

Surge, então, no Doutor Côrte-Real a ideia de fazer um filme sobre a doença hemolítica, visando uma lar-

ga informação não só do pessoal de Saúde como do grande público. Passados alguns meses, o filme estava concluído: *Doença Hemolítica* (sonoro, a cores, incluindo dois esquemas de animação e com a duração de 45 minutos) era um filme de carácter didáctico, desenvolvido em torno de um caso clínico que era adequadamente tratado e seguido.

Outro aspecto relevante a que fica ligado o nome do Doutor Côrte-Real diz respeito aos problemas de informação do público sobre a dádiva de sangue e a transfusão, como condição indispensável de promoção da dádiva benévola e da angariação do número de dadores necessários à satisfação das carências de sangue do hospital. Na prossecução deste objectivo, consegue, — aqui, também, com a incompreensão retrógada de alguns — duas assistentes sociais para o Serviço de Sangue que, sob a sua orientação atenta, iniciam uma acção de promoção da dádiva, notável e de certa forma pioneira. Começam a organizar-se informações e brigadas de colheita de sangue em fábricas, bancos, associações culturais e recreativas, quartéis, prisões... (na altura, a droga não era um problema a considerar...).

Corria o ano de 1972. Obrigado a optar entre a Direcção do Serviço de Análises Clínicas e a do Serviço de Hemoterapia, cuja separação fora superiormente decidida, o Doutor Côrte-Real, depois de compreensíveis hesitações, decide-se pela direcção do Serviço de Hemoterapia (nova designação oficial do Serviço de Sangue).

É agora a vez de concretizar a ideia que já andava a bailar-lhe no espírito há algum tempo: reunir todas as pessoas interessadas pela Hemoterapia em Portugal para discutir amplamente o problema essencial da obtenção de sangue para tratamento de doentes, num óbvio esforço para contribuir para o que parecia tão urgente como inevitável: a estruturação de um Serviço Nacional de Sangue, então, praticamente, inexistente.

Entretanto, consegue o Doutor Côrte-Real dotar o Serviço de Hemoterapia de instalações novas e condignas para a importância crescente das funções que lhe são cometidas. Procede-se a ampla reorganização orgânica e funcional do Serviço, iniciando-se os primeiros passos para a sua informatização. Corria o ano de 1974. Num alarde de juventude de espírito e na posse de uma invulgar capacidade de estudo e de trabalho, o Doutor Côrte-Real desenvolve notavelmente a secção de Imunologia do Serviço de Hemoterapia cuja importância vai crescendo, acabando por ser convidado pela Direcção do Hospital a criar o Centro de Imunologia do Hospital Geral de Santo António que, durante algum tempo, dirigirá em acumulação com o Serviço de Hemoterapia, acabando por ser dispensado desta últi-

ma função para se dedicar, em exclusivo, à estruturação e desenvolvimento do Centro de Imunologia que, a breve trecho, vencidas algumas dificuldades burocráticas, passará a Serviço.

Nessa altura, toma a iniciativa de organizar as “Primeiras Jornadas de Imunologia do Hospital Geral de Santo António” (Porto, 1978) que vieram a constituir notável êxito.

Jubilado por ter atingido o limite de idade, em 1981, o Doutor Côrte-Real, avesso a convenções sociais, onde nem sempre se consegue joeirar a doblez da autenticidade, declinou a tradicional homenagem e o jantar de despedida com que os hospitais costumam celebrar o “enterro civil” dos que chegam ao fim da carreira — indistintamente, grandes servidores com obra de consequência, ou vultos medíocres, quando não perniciosos. Continuava, na verdade, lúcido e bem vivo: prosseguiu o seu apoio e colaboração ao Serviço de Imunologia que criara, não deixou de estudar e de manter-se actualizado e, sobejando-lhe tempo, que agora pode gerir sem o espartilho dos horários a cumprir, volta a dedicar-se à sua segunda paixão, a pintura que, progressivamente, o irá absorvendo, acabando por ser a sua actividade exclusiva, quase obsessiva, num desafio contra o tempo — que começava a escassear-lhe — e contra a cegueira que sabia avizinhar-se.

Já praticamente invisual, o Doutor Côrte-Real, homem de acção, de inteligência e de sensibilidade, viu-se dramaticamente limitado e forçadamente inactivo. É, então, que pensa tirar um curso de Braille e, já não podendo pintar, produz algumas composições poéticas de inegável graça e beleza, sem ambições literárias, mas pulsando vida e sensibilidade como o seu autor.

Homem austero no viver e contido na palavra, sempre o preocupou um critério permanente de justiça, informado pela sua dimensão de homem de bem e de sólida formação moral. Nunca usou o artifício, fácil e habitual, de se identificar pessoalmente com o Serviço que dirigia e tomar por afronta dirigida a si o que ao Serviço era negado. O Serviço não era ele — era do Hospital. Isso permitia-lhe colocar sempre os interesses gerais do Hospital — como instituição ao serviço da comunidade — acima dos interesses circunscritos, a despeito de relevantes, do seu próprio Serviço. Esta visão superior — e rara — do que era um Hospital, traduzindo uma visão inteligente e globalizante da instituição no seu complexo conjunto, teve como “prémio”, — como é, infelizmente comum, — ver-se apodado de ingénuo e injustamente ultrapassado, muitas vezes, nas suas legítimas aspirações como director e responsável por um Serviço e ver adiadas ou preteridas, em favor de outros, as suas carências mais evidentes e limitadoras.

Procurando afirmar-se através do exercício sério e coerente da sua actividade profissional, era a última pessoa a fazer a sua autopromoção e reconhecimento que, nesse aspecto, lhe escasseava talento. Sempre deu a cara e assumiu por inteiro a responsabilidade das iniciativas a que metia ombros e que, por via de regra, concluía com êxito, mas sempre norteado pelo cunho do serviço à instituição e à comunidade.

Nunca respondeu com mediocridade à mediocridade — que se esforçava por ignorar — não por orgulho, mas porque lhe assistia a clara consciência de ter razão e de proceder rectamente.

Foi um grande Homem, uma grande figura da Medicina e um grande Servidor do Hospital Geral de Santo

António ao qual consagrou, durante um quarto de século, todas as suas enormes potencialidades, erguendo uma obra notável, de uma determinação permanente, de um esforço quotidiano e silencioso, de uma inteligência clarividente, de uma humildade só possível num homem superior, guiado por uma formação científica e médica permanentemente actualizada e renovada e, por isso mesmo, de inegável modernidade.

Ao evocar, nestas páginas, a figura do Doutor Côrte-Real, aponto um exemplo fecundo e exalto um caminho.

O Doutor Eugénio Saraiva Côrte-Real faleceu, de bem com Deus e com os homens, no dia 2 de Março de 1996.